

## PROMOVENDO A INTEGRALIDADE DO CUIDADO À SAÚDE DE PROFISSIONAIS DO SEXO EM SANTA MARIA

**Jorge Luís Silveira Marques<sup>1</sup>; Fabiane Loch Vargas<sup>2</sup>; Bibiana Letícia Nogara<sup>3</sup>;  
Bruna Dedavid da Rocha<sup>4</sup>; Tainah Guerra<sup>5</sup>; Marcio Rossatto Badke<sup>6</sup>; Márcia  
Gabriela Rodrigues de Lima<sup>7</sup>**

### RESUMO

Objetivou-se descrever as atividades realizadas com profissionais do sexo em agências e nas ruas de Santa Maria/RS, no intuito de promover a integralidade na assistência em saúde dessa população. Trata-se de um relato de experiência sobre ações de promoção da saúde realizadas no período de Outubro de 2021 a Maio de 2022. Realizou-se uma ação noturna alusiva ao Outubro Rosa (Prevenção do Câncer de Colo de Útero e Mama) e Outubro Verde (Prevenção da Sífilis Adquirida e Sífilis Congênita), na qual foram abordadas 22 mulheres. Três ações em uma agência, voltadas para o oferecimento das PICS e dos testes rápidos para o HIV, Sífilis, Hepatite B e C. Participaram dessas atividades, 15 mulheres. Portanto, proporcionar espaços que possibilitem garantir e ampliar o acesso aos diversos serviços que a rede de saúde pública oferta, é uma forma de garantir seus direitos e a integralidade do cuidado.

**Palavras-chave:** Prostituição; Equipes de Saúde; Prestação de cuidados a Saúde; Educação em saúde.

**Eixo Temático:** Atenção Integral e Promoção à saúde

### 1. INTRODUÇÃO

A literatura abarca a prostituição como um dos mais longínquos produtos de comércio da humanidade, pois está presente em todas as épocas, da mais remota antiguidade até os dias de hoje, em qualquer lugar do mundo. O trabalho sexual

<sup>1</sup>Autor - Universidade Franciscana de Santa Maria. E-mail: jorge.marques@ufn.edu.br

<sup>2</sup>Co-autor - Universidade Franciscana de Santa Maria. E-mail: fabiani.vargas@ufn.edu.br

<sup>3</sup>Co-autor- Universidade Franciscana de Santa Maria. E-mail: bibiana.nogara@ufn.edu.br

<sup>4</sup>Co-autor-Secretaria da Saúde de Santa Maria. E-mail: brunadedavid.rocha@gmail.com

<sup>5</sup>Co-autor-Secretaria da Saúde de Santa Maria. E-mail: politicasaudeacrianca@gmail.com

<sup>6</sup>Co-autor- Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: marciobadke@gmail.com

<sup>7</sup>Orientadora- Secretaria da Saúde de Santa Maria. E-mail: grlmarcia@yahoo.com.br

refere-se à prática de comercializar serviços de natureza sexual (prazer, fantasias, sexo, carícias etc), exercido mediante negociação direta com o cliente sobre os serviços a serem prestados. Não existe uma explanação única para a prostituição, porém, existem vários motivos para praticá-la, dentre os quais temos: o fator econômico; abandono familiar; dificuldade de inserção no mercado de trabalho; e baixo nível de escolaridade (PASSAMANI et al., 2019).

Outros determinantes também podem ser considerados, a saber: migração para centros urbanos; falta de emprego; condições de vida subumanas; crianças e adolescentes em situação de risco social, submetidos à violência e violação de direitos humanos; necessidades emocionais; trauma; e falta de perspectiva e apoio familiar durante a infância (MORAES et al., 2008).

A compreensão da prostituição é ainda complicada e estigmatizada, considerando todos os tabus sobre este assunto não apenas por fatores morais, mas também sociais e políticos, obstáculo esse proposto socialmente e culturalmente pela sociedade, em alguns casos esse modo de trabalho é único meio de renda e sobrevivência. A categoria “profissional do sexo” foi reconhecida e classificada pelo Ministério do Trabalho e Emprego no ano 2001 mas, apesar de seu reconhecimento, essas mulheres, atualmente, ainda permanecem como grupo de vulneráveis às margens da sociedade (AQUINO et al., 2011; MADEIRO & RUFINO, 2017).

Desse modo, o enfoque dado às profissionais do sexo é, na maioria das vezes, de transmissoras em potencial de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), não sendo estas mulheres vistas em sua integralidade, muitas vezes pela dificuldade de acesso aos serviços de saúde, estigma social e pelas práticas adotadas pelas mesmas. Uma forma de preencher essa lacuna é considerar a contribuição de práticas de saúde voltadas ao desenvolvimento do bem-estar físico, mental e social desse grupo específico, o que, por sua vez, poderia subsidiar o desenho de ações e equipamentos adequados para o atendimento integral a essas mulheres (LEITÃO et al., 2012).

Diate disso, objetivou-se com esse estudo descrever as atividades realizadas com as profissionais do sexo em agências e nas ruas de Santa Maria/RS, a partir de

ações realizadas no intuito de promover a integralidade na assistência em saúde dessa população.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de uma produção descritiva, do tipo relato de experiência, elaborado no contexto de práticas de ensino-aprendizagem, através do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Clínica Especializada com ênfase em Infectologia e Neurologia da Universidade Franciscana de Santa Maria, a partir de ações desenvolvidas no campo de estágio na Política HIV/AIDS, ISTs e Hepatites Virais da Secretaria de Saúde, referente as ações de promoção da saúde realizadas com trabalhadoras do sexo do município de Santa Maria/RS, no período de Outubro de 2021 a Maio de 2022.

As atividades foram desempenhadas por profissionais da saúde da Política HIV/AIDS, ISTs e Hepatites Virais, Política de Práticas Integrativas em Saúde (PICS) e Política de Saúde da Mulher, da Secretaria de Saúde de Santa Maria e com o Laboratório de Práticas Integrativas em Saúde (LAPICS) da Universidade Federal de Santa Maria. O contato e as relações com as agências se dá através da coordenadora da política HIV, que com essa parceria consegue-se fazer um trabalho primordial no que tange a promoção/prevenção em saúde, levando informação, conhecimento e cuidado a essa população tão estigmatizada em nossa sociedade.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em outubro de 2021, realizou-se uma ação noturna de promoção da saúde alusiva ao Outubro Rosa (Prevenção do Câncer de Colo de Útero e Mama) e Outubro Verde (Prevenção da Sífilis Adquirida e Sífilis Congênita), na qual foram abordadas 22 mulheres. Além de conversar com aquelas que estavam nas ruas, a equipe também percorreu casas noturnas. Na ocasião, as profissionais do sexo receberam kits de prevenção, com autotestes do HIV, preservativos e folders com informações sobre as doenças.

Para Guimaraes et al. (2021), o exercício da prostituição impõe comportamentos que as tornam vulneráveis à aquisição de IST e o vírus HIV, tais

como: elevado número de parceiros sexuais, mantendo um grande número de coitos por dia, relações sexuais desprotegidas, além dos eventuais micros traumatismos vaginais, com provável perturbação do ecossistema vaginal, acrescida do risco decorrente do uso de substâncias químicas, como consumo de drogas ilícitas e de bebidas alcoólicas, assim como histórico de encarceramento, baixo nível educacional, barreiras em relação ao gênero e a marginalização socioeconômica.

Outra fonte de risco é a aceitação da prática de relações sexuais sem preservativo com parceiro fixo, por essas mulheres em situação de prostituição. Em estudo de Aquino, Ximenes e Pinheiro (2010), embora 53,3% das mulheres participantes da pesquisa afirmem usar preservativos em todos os programas, 46,7% deixam de usá-lo com um parceiro fixo. Por isso, os resultados obtidos acerca da não utilização do preservativo com o parceiro fixo denotam a vulnerabilidade a que as mulheres pesquisadas estão submetidas.

Entre profissionais do sexo do interior paulista, foi identificada uma prevalência de 71,6% para contaminação por ISTs, em um estudo com amostra de 102 mulheres. A partir dessa investigação identificou-se HPV (67,7%), infecção por clamídia (20,5%), sífilis 4,0% e tricomoníase 3,0% (POGETTO et al., 2011).

Já em Março, Abril e Maio, realizaram-se três ações em uma agência, voltadas para o oferecimento das PICS e dos testes rápidos para o HIV, Sífilis, Hepatite B e C. Participaram dessas atividades, 15 mulheres, na faixa etária entre 20 e 36 anos, com procedência de outros Estados do Brasil e com predomínio do estado civil solteira. Nessas ações foram oferecidos na agência: auriculoterapia e reiki, havendo boa adesão das mulheres que estavam neste período, referente a prevenção do HIV e outras ISTs, 15 mulheres aceitaram realizar os testes, sendo que 02 tiveram diagnóstico de sífilis e foram encaminhadas para tratamento, 03 iniciaram a profilaxia pré-exposição do HIV e 02 iniciaram profilaxia pós-exposição do HIV.

De acordo com Aguiar et al. (2021), a sífilis é uma infecção de evolução sistêmica e crônica, embora seu tratamento seja simples e eficaz, ainda desafiando o controle e a sua erradicação, pelo fato de que seus sintomas muitas vezes não são

notados na sua fase primária, e também deve-se pela falta de prevenção e busca por métodos que possam evitar a contaminação.

Outro ponto importante citado acima é a adesão de formas de prevenção da contaminação pelo vírus do HIV que são a profilaxia pré/pós exposição. Conforme Zucchi et al. (2018) a PREP e a PEP são consideradas estratégias promissoras no controle e prevenção do vírus HIV, sendo uma combinação de medicamentos que auxiliam e inibem a contaminação pelo vírus HIV que invade o organismo, o grande desafio para essa iniciativa é a disseminação de informação na qual auxilia o esclarecimento da população sobre sua efetividade e sua eficácia.

A prevenção é a principal estratégia para evitar a disseminação de infecções sexualmente transmissíveis e para garantir isso, é necessário implementar ações educativas que priorizem a identificação de riscos, promovam mudanças no comportamento sexual, promovam e aceitem medidas preventivas com ênfase sobre o uso correto do preservativo e formas de prevenir a contaminação de alguma infecção (FERNANDES et al., 2016).

As PICS são recursos terapêuticos que buscam a prevenção de doenças e a recuperação da saúde, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. Uma das abordagens desse campo é a visão ampliada do processo saúde/doença e da promoção global do cuidado humano, especialmente do autocuidado (GUIMARÃES et al., 2021).

As indicações das PICS são embasadas no indivíduo como um todo, considerando-o em seus vários aspectos: físico, psíquico, emocional e social. Assim, atribuir um cuidado integral à saúde das profissionais do sexo, permite ampliar o atendimento para além da prevenção de ISTs, visto que elas são sujeitos que precisam ser assistidas dentro de sua integralidade.

#### 4. CONCLUSÃO

Com base no exposto, observou-se que o universo profissional dessas mulheres é muito complexo tendo vários fatores pertinentes que levam a tal prática, o preconceito e estigma social exposto pela sociedade, afasta cada vez mais essa



população limitando o acesso às políticas públicas de saúde. Assim, proporcionar espaços que possibilitem garantir e ampliar o acesso aos diversos serviços que a rede de saúde pública oferta, é uma forma de garantir seus direitos e a integralidade do cuidado.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, B. M. et al. Vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis de adolescentes privados de liberdade. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 2666-2675, 2021. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BJHR/article/view/24473/19553>

AQUINO, P. S.; XIMENES, L. B.; PINHEIRO, A. K. B. Políticas públicas de saúde voltadas à atenção à prostituta: breve resgate histórico. **Enfermagem em Foco**, v. 1, n. 1, p.18-22, 2010. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4/5>

AQUINO, P. S.; NICOLAU, A.I.O; PINHEIRO, A.K.B. Desempenho das atividades de vida de prostitutas segundo o Modelo de Enfermagem de Roper, Logan e Tierney. **Rev Bras Enferm**, v.64, n.1, p.136-44, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/6rHNvHSs75ZhPLNhDBPNw9r/?lang=pt#:~:text=O%20Modelo%20de%20Atividade%20de,Comunicar%3B%203>.

DUARTE, R. O.; VANZ, D. Qualidade de vida das profissionais do sexo de Criciúma, Santa Catarina, Brasil . **Fazendo Gênero**, v.8, p:1-7, 2008. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST26/Duarte-Vanz\\_26.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST26/Duarte-Vanz_26.pdf)

FERNANDES, M. A. et al. Infecções sexualmente transmissíveis e as vivências de mulheres em situação de reclusão. **Rev Enferm**, v. 24, n. 6, p. 1-6, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/27774/21206>

GUIMARÃES, R. X. et. al. Conhecimentos, atitudes e práticas de profissionais do sexo sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, antes e após uma intervenção educativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19857>

LEITÃO, E. F. et al. A prática cotidiana de saúde das profissionais do sexo. **Rev. Bras. Promo saúde**, v.25, n. 3, p.295-304, jul/set, 2012. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/2259/2487>

MADEIRO, A.P; RUFINO, A.C. Aborto induzido entre prostitutas: um levantamento pela técnica de urna em Teresina-Piauí. **Rev. Ciênc. saúde coletiva**, v.17, n.7, p.1735-1743, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/vPQRJZMTXfzhDc9JKmd7wxS/?lang=pt>

MORAES, M. L. et al. Educação em saúde com prostitutas de Fortaleza: relato de experiência. **Rev. Eletr. Enf.** v. 10, n. 4, p.1144 - 51. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/46823/22975>

PASSAMANI, R. G. et. al. Prostituição masculina no Brasil: o panorama da produção teórica. **Rev. antropol.**, v. 62, n. 2, p.432-458, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/161075/156160>

POGETTO, B. D. et al. Prevalência de doenças sexualmente transmissíveis em mulheres profissionais do sexo, em um município do interior paulista. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. v. 19,p. 493-499, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/40384>

ZUCCHI, M. E. et al. Da evidência à ação: desafios do Sistema Único de Saúde para ofertar a profilaxia pré-exposição sexual (PrEP) ao HIV às pessoas em maior vulnerabilidade. **Cad. Saúde Pública**. v.34, p.7, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/kxphH3MhNMCnNkXfzj3GNwK/?lang=pt>